

PREÂMBULO

PERSEVERANÇA E SUPERAÇÃO

“Senhor, nosso Deus, como é glorioso Vosso Nome em toda a Terra! Vossa Majestade se estende, triunfante, por todo o Universo” (Sl 8,2).

O Senhor nos enviou Cristo, o Verbo Encarnado, como Luminar e Redentor; e Ele, por sua vez, nos envia incessantemente missionários, profetas, guias em todas as latitudes, a todo instante, na figura de religiosos ou leigos, celebrizados ou anônimos, apoiando e instruindo Seus filhos. Sua Prodigalidade e Generosidade são infinitas – daí São João Maria Vianney dizer: “Nosso Deus não nos perde de vista como uma mãe que vigia o filhinho que dá os primeiros passos” (Homilias, p. 238).

Ouve-se frequentemente os gritos de desânimo, quando não revolta e clamor de multidões, sacudidas por conflitos diários e existenciais – muitos decaídos, sumamente fragilizados, faltando-lhes ânimo para recobrar, levantar-se. Infelizmente os obreiros e bons samaritanos são ainda poucos e insuficientes para atender os prostrados, vítimas dos graves problemas sociais e humanos que afetam a coletividade – guerras, fome, perseguições políticas e raciais, ganância econômica, predação ambiental, corrupção, o drama de refugiados... “Militia est vita hominis super terram” (“A vida do homem sobre a terra é uma luta” Jô 7,1).

Todos passamos em nosso processo evolutivo – peregrinos que somos sobre a Terra – por provações, agruras, aridezes. Somos convocados a atravessar o deserto vivencial, onde vigora o calor causticante, ventos impetuosos erguendo colossais dunas – paisagem instável que se modifica continuamente, a avidez por um oásis ou fonte que mitigue nossa sede; anseio por uma brisa refrescante em meio à fadiga, o cansaço, a sensação de isolamento e mesmo de abandono. O caminho, a trajetória para a Terra Prometida não são fáceis, sendo seu roteiro repleto de dificuldades, tribulações, desafios. Quanto mais prosseguimos, não nos faltam – e jamais nos faltarão – resolução, coragem, vigor, sustentados que somos pela Fidelidade Divina. Moisés superou e triunfou sobre Amalec, elevando os braços aos céus em incessante súplica (Ex 17,8-16). Exemplo de denodo, destemor, fé e de que muitas vezes nos esquecemos!

E fez-se 'a luz'

Poucas coisas são mais corriqueiras do que acender uma lâmpada ao mais simples toque de interruptor. Ao menos parece ser assim em plena Era Tecnológica, do século XXI. Mas a verdade é que há pouco mais de 130 anos uma cena assim era inimaginável. Só em 21 de outubro de 1879 Thomas Edson produziu iluminação durável a partir da combinação de uma corrente elétrica e um filamento de carbono dentro de uma ampola de vidro.

Pág. 03

A Picada de Goiás

A descoberta e exploração do ouro em diferentes territórios brasileiros rendeu longos capítulos à nossa história. Muitos deles, aliás, passados em Minas Gerais. E foi aqui, mais especificamente de São João del-Rei, que foi marcado um dos pontos no mapa da Picada de Goiás, no século XVIII. “O traçado do caminho tinha como um de seus vértices as proximidades de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), à altura de Ibitutinga, em intersecção com o Arraial de São Gonçalo do Brumado (hoje Caburu), ambos às margens do Rio das Mortes”, destaca texto sobre o tema.

Pág. 04

Por que Aparecida é 'do Norte'?

O mês de Outubro é marcado, no Brasil, por peregrinações ainda mais intensas ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida (SP). A localidade, no entanto, tem um 'codinome' popular, acrescentando ao primeiro nome o sufixo “do Norte”. O motivo disso explicamos na

Pág. 10



ADIVINHAS

- 1- Verde como o mato
E mato não é,
Fala como gente
E gente não é.
- 2- Uma dama no seu prado,
Com seu vestido bordado,
Nem talhado, nem alinhavado,
Quem a vê, fica assustado.
- 3- Tem orelhas de gato e não é gato,
Tem focinho de gato e não é gato,
Tem rabo de gato e não é gato

R. 1- papagaio; 2- cobra; 3- gata

Provérbios e Adágios

- Acabou a galinha, acabou o resguardo.
- Em trevas além do oceano há pomares de ouro (a pasto do vizinho parece sempre mais verde).
- Muito falar, pouco fazer.
- Morando no inferno, com diabos não brigue



Para refletir

• Deus é isto: a Beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

(Rubém Alves)

• Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão.

(Jean de La Bruyère)

• Aqueles que tem grande autocontrole ou que estão totalmente absortos no trabalho, falam pouco. Palavra e ação juntas não andam. Repare a natureza: trabalha continuamente, mas em silêncio.

(Mahatma Gandhi)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA ELES TÊM PAI...

Sol a pino de verão. Calor de rebentar mamona. Década de 1950. Munição de enxadão, martelo, torquês e apetrechos, o sr. Benjamim de Castro, já idoso, reparava, sozinho, tapumes de sua propriedade, acima do Estádio do Cruzeiro, na saída para Bom Sucesso, hoje bairro "Nações Unidas". Suor em bagas pelo rosto e pelo corpo. Cansaço visível. Uma dura lide. Alguém, um cavaleiro, passa pela estrada em direção ao Fundo da Mata. Condoído ante o quadro, pára, cumprimenta respeitosamente o honrado fazendeiro e faz uma observação:

- Mas, sr. Benjamim, nessa idade, com essa soleira toda, o sr, sozinho, consertando cercas...

- O que fazer?! – exclama o fazendeiro - O reparo aqui é inadiável. Com o arame arrebitado, o gado está evadindo-se do pasto e pode se extraviar...

O cavaleiro explana, perplexo:

- Estou vindo da cidade nesse exato momento e seus filhos estão se regalando na praça. Um de carro e o outro de moto... Rodeados de moças, namorando, cerveja, bilhar, na "deles"... A vida que pediram a Deus! E o sr. aqui, nessas condições?! Sinceramente, não consigo entender! ...

Ao que o sr. Benjamim, entre a melancolia e conformação, retruca:

- É fácil entender. Eles têm pai vivo... Eu não tenho, por isso tenho que dar o duro! ...



Aves observadas

TIÊ PRETO

Visto na região do Rio Sujo, adjacências da cidade, um casal de aves, provavelmente – pelas informações colhidas - de "Tiê preto", também chamado de "gurundi" ou "pipira". Ave da família Thraupidae, seu nome científico é "Tachyphonus coronatus" ("Tachyphonus" do grego "takhuphonos" – "que canta rápido"; "coronatus" do latim "corona, coronatus" – "coroa, coroado" (Viellbt – 1822) Nome em inglês: Ruby Crowned Tanager.



O macho é de coloração escura, enquanto a fêmea possui a cabeça marrom-acinzentada e o restante do corpo de coloração canela. Habita as bordas das matas, capoeirões e ainda parques urbanos; vistos já em comedouros de aves domésticas e de hotéis-fazenda. Concentra-se nas regiões sul e sudeste do Brasil e ainda em territórios da Argentina e Paraguai. Ave de tamanho médio, cerca de 17 cm, alimentando-se de frutos, sementes, flores, insetos. Nidifica nos estratos altos e médios das árvores e seu ninho é feito com ramos, cipós, raízes e folhas em forma de tigela. Os ovos, em torno de 2 e 3, são róseos com manchas vermelho-marrons e medem cerca de 22 x 17mm.

Pode ser visto isolado, em pares ou grupos de 4 a 5 indivíduos e mais raramente em bandos. Ave agitada, movimentando-se ativamente em busca de alimento. Trata-se de espécie, segundo os especialistas, com população ainda estável, mas com algum risco de extinção.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



HOJE NA HISTÓRIA: Thomas Edison inventa a lâmpada elétrica

Até que enfim, há 130 anos, acabava a iluminação a que-rosene, a gás ou a óleo incandescente. Um inventor de gênio trouxe ao mundo pela primeira vez, em 21 de outubro de 1879, a luz elétrica. O norte-americano Thomas Alva Edison (1847–1931) conseguiu produzir uma iluminação durável fazendo passar a corrente elétrica através de um filamento de carbono dentro de uma ampola de vidro vazia. A lâmpada, em forma de pera, hoje funcionando com filamento de tungstênio, passou a ser um objeto essencial e mais do que familiar para bilhões de pessoas em residências em todos os quadrantes do planeta.

Thomas Edison foi um gênio na aplicação prática de princípios científicos e um dos maiores e mais prolíficos inventores de seu tempo. Sua educação formal estava reduzida a três meses de escolaridade em Port Huron, no Michigan (EUA), em 1854. Durante anos, trabalhou como jornalista e foi nesse período que passou a sofrer da surdez que só aumentou com o correr dos anos. Mais tarde, trabalhou como telegrafista em várias cidades.

As primeiras invenções de Edison foram um transmissor e receptor para um telégrafo automático; um sistema quadruplex para a transmissão simultânea de quatro mensagens; e um sistema melhorado de informação financeira. Em 1877, inventou o transmissor telefônico a carbono para a Western Union Telegraph. Seu fonógrafo, patenteado em 1878, chamou a atenção como o primeiro aparelho de sucesso da espécie.

Em 1879, Edison criou a lâmpada incandescente, seu primeiro invento comercialmente viável. Para fazê-la funcionar, desenvolveu um sistema de distribuição elétrico para luz e força, inclusive geradores, motores, soquetes de luz, caixas de junção, fusíveis de segurança, condutores subterrâneos e outros dispositivos. A conquista mais vistosa neste campo foi a usina de Pearl Station, na cidade de Nova York – a primeira central elétrica permanente a gerar luz e força do mundo. Construiu e operou também uma ferrovia elétrica experimental e produziu uma bateria com grande capacidade de armazenamento de energia, em aço e níquel com um eletrólito alcalino.

Outros inventos significativos foram o “Kinetoscópio”, ou máquina de imagens sequenciais rápidas. ou Tempos depois, Edison demonstrou experimentalmente a sincronização da imagem e som. O cinema falado baseou-se nesse trabalho.

Edison detinha mais de 1.300 patentes nos Estados Unidos e no exterior. Suas oficinas de trabalho em Menlo Park, na Califórnia (1876), e em West Orange, em Nova Jérsei (1887), foram significativas precursoras das modernas pesquisas industriais de laboratório em que turmas de trabalhadores, mais do que um inventor solitário, investigam sistematicamente um dado objeto.

Um memorial dedicado a Thomas Edison foi erguido em 1938 em Menlo Park. O laboratório de Edison e outras edificações associadas a sua carreira foram preservadas e reproduzidas na Greenfield Village, também no Michigan. Algumas de suas várias companhias foram consolidadas para formar a gigante General Electric (GE).



**Fonte/autoria: Max Altman (1937-2016), advogado e jornalista, foi titular da coluna Hoje na História da fundação do site, em 2008, até o final de 2014, tendo escrito a maior parte dos textos publicados na seção. Entre 2014 e 2016, escreveu séries especiais e manteve o blog Suetos em Opera Mundi.*

A PICADA DE GOIÁS

“Sesmarias, salteadores, emaranhadas invejas. O clero, a nobreza, o povo e as ideias”

(Cecília Meireles – Cancioneiro da Inconfidência – romance XXI)

O desejo de encontrar riquezas minerais, de localizar o eldorado tropical, estimulou multidões de portugueses e brasileiros a adentrarem os desconhecidos sertões, arriscando-se e enfrentando toda sorte de adversidades – a topografia montanhosa, rios surpreendentes e traiçoeiros, riscos de doenças e de ataques indígenas, a inexistência de caminhos. Os brancos, em especial bandeirantes paulistas, a partir de intrépidas expedições, dada a sua superioridade logística e bélica, foram ocupando o interior, vencendo a resistência indígena, redesenhando, escrevendo a história da nova terra. Já, no final do séc. XVII, como compensação, eram encontradas enormes quantidades de ouro nas bacias dos rios São Francisco, Doce e das Velhas.

A busca frenética pelo ouro e pedras preciosas, o afã de chegar às minas, se empaturar de riquezas, levaria(m) ao surgimento de inúmeros caminhos, em sua maioria a partir do Rio de Janeiro e São Paulo, ampliados por entradas e expedições bandeirantes, acompanhando os peabirus (trilhas indígenas), a que se iam somando desvios, mudanças de trajetos, novas sendas ao longo do tempo, fossem oficiais ou clandestinos.

O ouro, encontrado praticamente à superfície da terra, dentre leitos de córregos, pelas encostas, era, na prática e em sua maioria, contrabandeado. Calcula-se que 90% do ouro extraído nas minas era extraviado por meios, os mais variados e inventivos, por trilhas abertas pelos garimpeiros, contraventores e levado a navios clandestinos ancorados em praias desertas, dali seguindo destino principalmente aos portos de Amsterdã e Londres, então as capitais mundiais do comércio de ouro e pedras preciosas. Quem, na prática do contrabando, se aventurasse pelas estradas oficiais, se fosse pego, além da carga confiscada, sofreria todas as consequências pelo crime de lesa majestade – prisão, torturas, degredo, morte.

A região do Rio das Mortes tornar-se-ia uma passagem obrigatória para todos os que, vindos de São Paulo e Rio de Janeiro, e transpondo a Serra da Mantiqueira e o Rio Grande buscavam as jazidas auríferas ou com destino a Vila Rica e Sabará e ainda Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Goiás. A ocupação e o povoamento das regiões mineradoras, mormente em nosso meio, trariam graves conflitos, em especial entre paulistas e forasteiros (portugueses e brasileiros oriundos, em grande parte, do norte do País), o que geraria, entre nós, a chamada ‘Guerra dos Emboabas’.⁽¹⁾ “Na comarca do Rio das Mortes, os sertões eram para os moradores das vilas de São José e São João Del-Rei os cerrados do alto São Francisco e as picadas de Goiás” (André Figueiredo Rodrigues – “Um potentado na Mantiqueira: José Aires Gomes e a ocupação de terras na Borda do Campo” USP, 2002, p. 80). A autoridade colonial era, então, incipiente, ineficiente, e somente, após os sangrentos combates, passaram a intervir de forma reguladora e repressora, nos âmbitos administrativo (incluindo a distribuição de datas e sesmarias), judicial e fiscal.

Em 1710, é criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, sendo escolhido Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho como 1º governador. Em 1714, são definidas as jurisdições das comarcas pelo então governador da Capitania, D. Baltazar da Silveira, sendo criada, dentre elas, a Comarca do Rio das Mortes, com sede em São João Del-Rei. A partir dos núcleos mineradores, consolidam-se, nessa época, inúmeros distritos e vilas como São José Del-Rei (Tiradentes), Prados, Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), povoado do Mos-

quito (hoje Cel. Xavier Chaves) etc. A Comarca tornar-se-ia uma das mais importantes da Capitania, ante o fortalecimento, inicialmente, das atividades mineradoras e posteriormente as agropastoris, manufatureiras e outras, tornando-se, com o tempo, uma grande provedora do abastecimento regional e interprovincial.

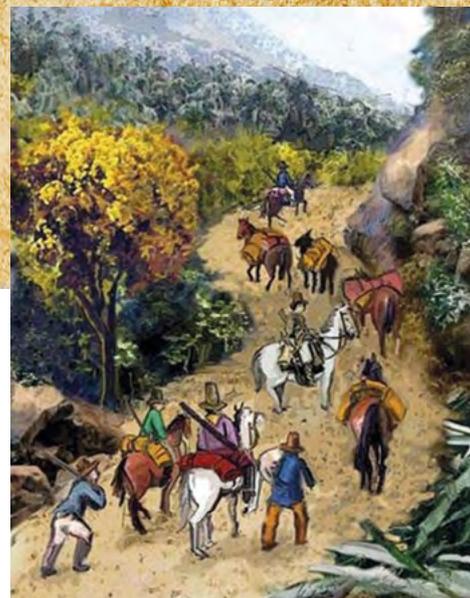
Já em 1720, por alvará de D. João V, era criada a Capitania das Minas Gerais, o que viria a por um freio progressivo ao desordenado povoamento em que vivia a província, a qual passa a contar com aparato administrativo e afirmação das instituições políticas coloniais; no campo religioso, há um esforço na fundação de paróquias. O declínio da capitania viria na década de 1770, com a queda na produção do ouro, gerando o empobrecimento dos núcleos urbanos e o consequente êxodo e migração de habitantes.

Em 1736, o Governador Freire Gomes de Andrade⁽²⁾ concedeu licença para abertura do caminho ligando a região de São João Del Rei a Goiás, onde em 1722 fora descoberto ouro. Eram ainda tempos de apogeu da mineração, no Brasil colonial, entre o final do séc. XVII e meados do séc. XVIII. O traçado do caminho, mais conhecido como “Picada de Goiás”, tinha como um de seus vértices as proximidades de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), à altura de Ibitutinga, em intersecção com o arraial de São Gonçalo do Brumado (hoje Caburu), ambos às margens do Rio das Mortes.⁽³⁾

As primeiras sesmarias foram concedidas em 29/03/1737 pelo Governador e situavam-se – segundo o historiador Ariosto da Silveira - em terras entre os rios do Peixe e Jacaré, hoje componentes principalmente dos atuais Municípios de São Tiago e Ritópolis. A primeira delas, em 1737, a Roque de Souza, no lugar “Almas”, no Rio do Peixe, divisas hoje entre os municípios de São Tiago e Ritópolis, com base no historiador Leopoldo Correa.⁽⁴⁾ Outras sesmarias foram concedidas à época, como as Manoel Martins da Barra, Manoel Alves Gondim, em Oliveira e Bom Sucesso. A de Francisco Rodrigues Gondim foi concedida em 30/07/1737 no local “Pouso Alegre”, na Mandassaia (hoje município de Oliveira)

A Picada de Goiás, mediante autorização real, foi uma iniciativa privada de moradores da Comarca do Rio das Mortes, dentre eles Caetano Rodrigues Álvares de Horta, Matias Barbosa da Silva, José Alves de Mira, Maximiliano de Oliveira Leite, Caetano da Silva, André Rodrigues Elvas, Francisco Pais de Oliveira, José Pires Monteiro, Francisco Rodrigues Gondim (1738-1763), Manoel Rodrigues Gondim, os dois últimos radicados em Tamanduá (Itapecerica). A Picada tinha como objetivos o abastecimento das regiões auríferas, a migração e povoamento das novas áreas, o escoamento da produção mineral.

“O roteiro da Picada de Goiás (1736) teve seus trabalhos de abertura iniciados em Santa Rita do Rio Abaixo (atual Ritópolis), local situado entre o rio das Mortes e o rio do Peixe (...) Foi a partir do ponto de abertura que a distribuição de sesmarias foi iniciada, sendo a primeira assinada em 29 de março de 1737 em nome de Roque de Souza. A concessão foi do rio do Peixe, chegando ao riacho da Barra” (Ana Maria Nogueira de Rezende – Fluxos Globais no século XVIII – dissertação de mestrado - UFMG/Escola de Arquitetura



– 2017, p. 78)

Waldemar de Almeida Barbosa em sua obra “A Picada de Goiás” corrobora o traçado do citado caminho, cuja principal artéria, a partir de São João Del-Rei, atravessava, em linha reta, as atuais cidades de Ritópolis, São Tiago, Oliveira, Itapeçerica, Formiga, regiões de Bambuí, Arcos, Iguatama, Piumhi, Araxá, Paracatu, estendendo-se até Vila Boa (Goiás), daí prolongando-se à Vila Bela da Santíssima Trindade (Mato Grosso). Alguns autores consideram que, à altura de Bambuí, a Picada tomava duas direções: uma para o oeste, atravessando a Serra da Canastra, penetrando a Capitania de Goiás, à qual se incluía, à época, o atual Triângulo Mineiro; a outra, tomava a direção norte, contornando rente a Serra da Saudade e dali até Paracatu.

Uma rota perigosa, com infestação de bandidos, aventureiros, negros fugidos que a tudo e todos roubavam. Imenso, ademais, o exército de meretrizes, conforme relatos de viajantes que atravessaram a região. Tornar-se-ia a Picada, em seu longo percurso, um mar revolto de viajantes, boiadas, tropas, aventureiros, cargas e mercadorias de todas as modalidades, bem como de quadrilhas, formadas por negros foragidos das senzalas e dos comboios em trânsito. Agrupados a réprobos da justiça e criminosos de toda sorte, tais grupos passaram a atacar e roubar os viajantes e moradores, tornando-se famosos – e sumamente perigosos – os do Pai Ambrósio e do negro Canhalho ou Cascalho.⁽⁵⁾

A região das Minas acolheu, como se sabe, um povoamento desabrigo, incontrolável, em fins do séc. XVII e meados do séc. XVIII, desde legiões de reinóis à cata de ouro e diamantes, depois a escravaria a atulhar as senzalas e ainda aventureiros de toda ordem, de todas as bandas, como baianos, paulistas, fluminenses, o que, a duras penas, faria vicejar e frutificar a civilização. Sobre as chusmas de portugueses e europeus que aqui aportavam, o viajante Antonil observou: “Cada ano vem nas frotas uma grande quantidade de portugueses e estrangeiros para passarem às minas” (“Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas” BH/SP, Itatiaia/Edusp, 1982, p. 42)

A Picada foi o berçário de inúmeras cidades mineiras como Oliveira, Itapeçerica, Formiga, Pium-i, Bambuí, Patrocínio e tantas outras. Através dos ranchos e rústicos acampamentos, formaram-se povoados e mais tarde vilas e cidades, configurando-se, pois, a Picada como uma rota vital para a economia colonial mineira, levando riqueza e civilização aos mais remotos rincões do território. Séculos foram necessários para a efetiva povoação do chamado “Oeste mineiro”, caminho para Goiás, a partir de pousos, acampamentos ou arraiais de mineradores, cruzamentos de vias, daí a distritos, vilas, cidades, torrões, que, por mais pobres, esquecidos, agrestes, convulsos, propiciaram a lenta formação política, econômica, social e religiosa de nossa gente.

Trechos da Picada, em particular entre Oliveira e Paracatu, o chamado “Sertão do Campo Grande”, viriam a ser palco de intensos conflitos, com a eclosão de quilombos – dentre eles o mencionado e célebre quilombo de Pai Ambrósio – e que foram duramente combatidos pelas autoridades coloniais, através de expedições militares. O 1º ataque a este quilombo, em terras hoje da região de Cristais, foi realizado em 1746, ou seja dez anos após a abertura da Picada, pelo Cap. Antonio João de Oliveira, cumprindo determinações do Gov. Gomes Freire de Andrade, oportunidade em que 60 homens foram “convocados” nos arraiais de Santa Rita e Brumado (ver matéria em nosso boletim nº CXLIII – agosto/2019). Um 2º ataque ao quilombo remanescente – hoje terras dos atuais municípios de Ibiá e Campos Altos, segundo o historiador Tarcísio Martins – foi realizado em 1759, pelo sertanista Bartolomeu Bueno do Prado, com o extermínio definitivo do grupamento quilombola, incluindo a morte de Pai Ambrósio.

Já no século XVIII, Minas era a mais urbana e populosa das Capitânicas. A maioria dos 600 mil portugueses que migraram para o Brasil nesse período, fixaram-se em Minas Gerais em função do ouro e da exploração da terra. “Com inúmeras oportunidades girando em torno da mineração, o maltrapilho de ontem podia ser o potentado de amanhã” (Figueiredo, p. 218) O ouro, inicialmente abundante, embora tenha sido o chamarisco para multidões de aventureiros adentrarem os sertões, ao se esgotarem as minas, a Picada de Goiás viria a compor uma tríade econômica, envolvendo lavoura, pecuária e comércio.

O aniquilamento dos quilombolas e bandidos tornar-se-ia vital para

o povoamento e o desenvolvimento do centro-oeste mineiro e de Goiás, com a expansão da produção agrícola (ante o declínio das explorações auríferas), caminho livre para o fluxo de tropas e consequente abastecimento dos núcleos urbanos e minas. Assim, as fazendas – instaladas em áreas, muito delas devolutas, e em contínua expansão para o oeste – provocaram e seguiram as mutações conjunturais da economia mineira, de geração, produção de gêneros alimentícios para o mercado interno, provincial e interprovincial.

NOTAS

(1) *Emboadas* – nome pejorativo dado aos portugueses do continente ou oriundos das ilhas atlânticas, que, migrando para o Brasil, aos magotes, se dirigiam às regiões das minas. Calcula-se que somente entre 1720 a 1770, cerca de 600 mil portugueses migraram para o Brasil, em sua esmagadora maioria dirigindo-se às regiões das Minas. A palavra “emboaba” vem do tupi geral (nheengatu) “mboi” + “aba”, que quer dizer “galinha calçada”, em referência às botas usadas pelos portugueses.

(2) O Capitão-General Antonio Gomes Freire de Andrade, o 1º Conde de Bobadela, foi governador da Capitania de Minas Gerais (criada aos 13/09/1720) de 1735 a 1736, de 1737 a 1752 e de 1759 a 1763. Era natural de Juramenha, Portugal, onde nasceu em 1865, tendo falecido no Rio de Janeiro a 01/01/1763. Em suas gestões, buscou consolidar e expandir as terras mineiras e ainda a melhoria da capacidade administrativa e arrecadadora da Capitania.

Cabe ao Governador Antonio Gomes Freire de Andrade, reconhecidamente um eficiente administrador, estrategista de notável tirocínio geopolítico, o mérito da expansão do território português na América, estimulando expedições de sertanistas (suplementadas por aventureiros, comerciantes), bem como a criação de trilhas e rotas, dentre elas e em especial a Picada de Goiás, objetivando o escoamento do ouro e de riquezas, mediante um trânsito normal, de comodidade e segurança, para o que foram contratados empreiteiros.

(3) A Picada de Goiás era uma ligação entre São João Del-Rei e o Rio São Francisco, estendendo-se até paragens de Goiás. Uma forma ou estratégia oficial – nos governos de Gomes Freire de Andrade e Luís Diogo Lobo da Silva – de expandir o território mineiro, sob pretexto de ligação às minas recém descobertas, agregando-se assim terras do sudoeste mineiro que pertenciam à Província de São Paulo. Em 1766, na gestão do Conde Valadares, Inácio Pamplona deu sequência ao processo de expansão territorial, no caso o Triângulo Mineiro, então pertencente à Província de Goiás.

(4) Tal versão corresponde ao que diz a oralidade e ainda descendentes (familiares do sr. Saribo, sr. Dadinho, que eram irmãos) que afirmam que os “Souza”, dos primeiros moradores fixos da região, mesclados com mulheres de ascendência indígena, nomeadas como “curibocas” ocuparam áreas (sesmarias) nas proximidades do arraial (São Tiago). Não há dúvidas de que a sesmaria de Roque de Sousa, bem como várias concedidas nas décadas de 1730/1750, eram próximas ou no entorno do arraial. Na carta (de sesmaria) de Manoel Gonçalves, sua gleba é referenciada “na picada que hia do Rio das Mortes para Goyazes (...) na paragem do Campo Grande entre a sesmaria de Roque de Sousa e o ribeirão Sujo” (o ribeirão Sujo atravessa hoje a periferia da cidade de São Tiago) Na carta de Domingos da Costa Afonso diz “...na paragem chamada a do Capão Grande (...) confrontando com a sesmaria de Roque de Sousa”. Sabemos que a sesmaria de Domingos da Costa Afonso tinha como sede a Fazenda “Capão Grosso” ou “Capão Grande”, nas proximidades da cidade (São Tiago), hoje de propriedade do sr. Iraci Vieira da Costa Jr (“Juninho” e sua esposa Dra. Bruna Mata, que vem desenvolvendo meritórios esforços quanto à preservação da histórica propriedade e sua sede setecentista. Nossos cumprimentos ao distinto casal) Temos necessidade, outrossim, que identificar a correta localização da antiga Fazenda “Braga”, que, ao lado da Fazenda “Capão Grosso” eram, em nosso município, os dois principais pontos de passagem/parada das tropas que demandavam os sertões ao longo da “Picada de Goiás”. Ambas as fazendas aparecem em inúmeros mapas da época (século XVIII).

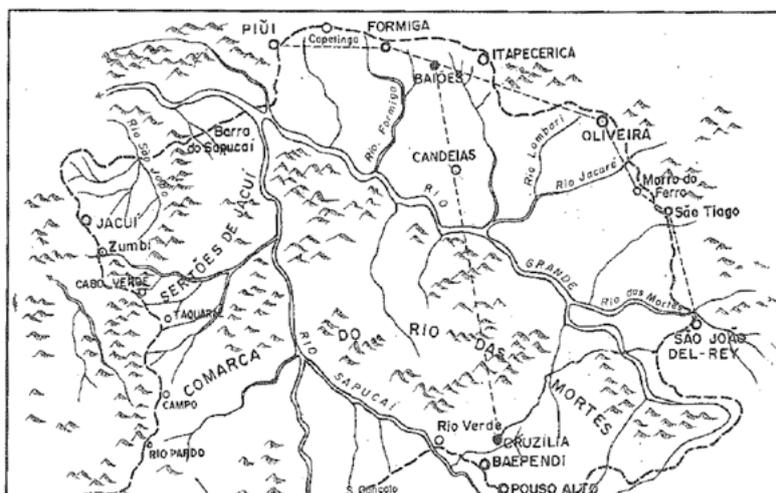
(5) Várias outras quadrilhas, da mais alta periculosidade, infestavam a região das Minas, sendo a principal e a mais temida delas, em nosso meio, a da “Mantiqueira”, chefiada pelo célebre Montanha. Ver, a esse respeito, matéria em nosso boletim nº XCVII – outubro/2015.

ESTRADA DE GOIÁS

Se, durante a febre aurífera, a área de interesse econômico havia sido a data - porção ou faixa de terreno para a exploração do ouro -, a fazenda e o latifúndio dominariam as aspirações dos mineiros, após o esgotamento das lavras. Com efeito, aqueles povoados e patrimônios rurais haviam surgido e se desenvolvido, não em função das atividades mineradoras. Sua evolução se projetou, porque estavam localizados em áreas estratégicas, de pousadas e de passagens de tropeiros, mascates, boiadeiros, comboieiros e aventureiros, que demandavam as minas de ouro goianas, descobertas pelos sertanistas paulistas na segunda década dos setecentos. Esse caminho, conhecido como Picada de Goiás, facilitou, além do mais, a conquista das ubérrimas terras do Sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro), então morada de quilombolas e índios bravios, que foram dizimados para a ocupação dos “geralistas”⁽¹⁾.

A abertura de passagens ou picadas estava proibida, desde meados de 1730, consequência de nova ofensiva da Coroa em combater o descaminho do ouro, cada vez mais alarmante. Em 1736, porém, ao mesmo tempo em que a Metrópole instituiu a captação, tributo que recaía sobre todos os escravos, e liberava a circulação de ouro em pó, um grupo de 25 negociantes e fazendeiros das comarcas do Rio das Mortes e de Vila Rica conseguiu autorização do governo para a construção de uma nova trilha até as minas goianas. Em recompensa, foi-lhes concedido o privilégio de concessão de sesmarias de três léguas ao longo do trajeto e vetado, pelo espaço de um ano, que nele se estabelecessem estranhos. A efetiva posse das terras, contudo, só se daria em meados da década de 1740, quando os negros aquilombados, “que ali se achavam com grande poder”, começaram a ser exterminados ou empurrados para os confins da Farinha Podre.

A estrada saía de São João del Rei e passava por Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), São Tiago, São João Batista (Morro do Ferro), Nossa Senhora da Oliveira, São Francisco de Paula, Camacho, Formiga, Bambuí, São Pedro de Alcântara (Ibiá), Araxá, Salitre, ou Catiguá (Patrocínio), Carabandela (Coromandel) e Paracatu, até alcançar Vila Boa. Pouco tempo depois, foi autorizada a construção de um atalho, partindo da encruzilhada de Manoel de Sá (fundador de Cruzília) até se encontrar com o Caminho Novo de Goiás, no distrito de Baiões (Formiga), traspassando por Lavras do Funil, Santo Antônio do Amparo, Santana do Jacaré, Campo Belo e Candeias. Como remuneração, seus abridores pediam, igualmente, “sesmarias de três léguas de terras nas paragens que melhor lhes parecessem”⁽²⁾.



Atalho da encruzilhada: incentivo ao povoamento do sertão entre o caminho velho de São Paulo e o caminho novo dos Goianos (Jaime Gomide Borges).



Introdução

"Feministas são as vozes de nossa terra" nasceu de um projeto sugerido pelo livro didático Português e Linguagens do 7º Ano. Tendo em vista que o tema da primeira unidade do livro é Herói, os alunos, após várias leituras de histórias de heróis mitológicos, do cinema e de quadrinhos, puderam refletir sobre os heróis de todo dia.

A fim de relacionar com o tema do Café Literário de 2019: "Renda-se... vestido de escrevivência", em que se homenageia mulheres, o trabalho se voltou para as vozes femininas de nossa cidade.

Assim, os alunos investigaram a vida de personalidades femininas que contribuem para o desenvolvimento de São Tiago. Foram selecionadas 12 mulheres e, após entrevistá-las e conhecer sobre sua trajetória de trabalho social, foram produzidos textos colocando-as, merecidamente, como heroínas reais.

Antônia da Conceição Almeida

Essa história não é de um super herói com poderes, mas de uma heroína que apenas com seu bom coração pratica atos heróicos e, assim, ajuda toda a população.

Seu nome é Antônia da Conceição Almeida, conhecida como Sãozinha, que desde a infância já ajudava às pessoas e, ainda na juventude, teve de abandonar os estudos para cuidar de seu pai que necessitava de sua ajuda.

Trabalhou muitos anos como enfermeira, e assim serviu a comunidade, salvando vidas, auxiliando em partos, curando doentes.

Um de seus grandes atos de heroísmo aconteceu durante uma viagem com uma grávida, em que teve que realizar o parto na estrada mesmo.

Após a aposentadoria, prosseguiu com seu trabalho social e seus atos de maior heroísmo. Esta heroína começou a agir nas casas de doentes, fazendo curativos, aplicando injeções e soros, dando banhos em pessoas enfermas, acompanhando-as em viagens, dormindo em suas casa... Foram muitas ações em prol do próximo.

Ainda em sua luta pela saúde, vendo as necessidades do hospital São Vicente de Paulo, tornou-se sua provedora. Lá ela realizou várias obras, mas principalmente, foi na sua gestão que voltou o funcionamento do Raio-X, que na época estava lacrado. Realmente um feito grandioso para nossa cidade. Imagine a população tendo de viajar para fazer Raio-X em outra cidade? Outro ato heróico foi a instalação do banco de sangue no hospital. Sem dúvida, através desses atos muitas vidas estão sendo salvas.

Mas nossa heroína não parou por aí. Ela também foi vereadora de nosso município e assim, participou de várias decisões importantes para o bem estar de nossa cidade.

Além disso, é uma católica atuante. Participa dos eventos religiosos e já integrou o Ministério da Eucaristia.

Sãozinha sempre foi uma mulher batalhadora, que não mede esforços para deixar o próximo com um sorriso no rosto. No mundo deveriam existir mais heroínas com ela.

(Adriely A. J. Silva, Camile V. R. Paula, João Pedro A. A. Carvalho, Kellen C. Giraldelio, Maria Eduarda T. Souza, Mateus T. R. Souza, Pyetro I. Siqueira, Sofia S. Resende, Wellynton J. A. Silva)



A inesquecível D. Antônia da Percília

O que faz uma heroína? O que torna alguém um herói? Algumas mulheres têm uma certa facilidade em praticar atos heróicos, em não se rebaixar ao mal. Ainda que não tenha poderes sobrenaturais, e mesmo que os inimigos pareçam fortes, uma verdadeira heroína, usa suas melhores armas para ajudar a humanidade.

Assim, é a história de D. Antônia Geralda Santiago, a D. Antônia da Percília. Uma heroína alegre, que usa a música e a religião para o bem e ajudar o próximo.

Nascida em uma família cristã, que desde criança foi incentivada a participar dos eventos da igreja e a ministrar a catequese.

Sua missão heróica é levar a música às pessoas. Ela é capaz de tocar cerca de 10 instrumentos musicais. Não é demais?

Fundou o coral Nossa Senhora do Rosário e o coral infantil Santo Antonio, onde ensina muitas pessoas a tocar algum instrumento. Participa de grupos de Folia de Reis, no qual arrecada dinheiro para ajudar nas obras da igreja.

No passado, quando as pessoas da zona rural vinham para a cidade e não tinham lugar para ficar, D. Antônia as abrigava, gratuitamente, em sua casa. Os doentes que ficavam na rua também eram acolhidos e alimentados por nossa heroína. Ela até fazia bazar da pechincha, doação de roupas para ajudar os mais necessitados!

Junto com sua família, D. Antônia sempre cuidou da igreja do Rosário, fazendo limpeza, ornamentação e tocando o sino. E nossa heroína, com sua fé inabalável, benze muitas pessoas, livrando-as de males que as afligem. Suas inúmeras orações são mesmo muito poderosas e promovem a cura de problemas da alma.

Nem mesmo as almas ficam de fora da proteção de nossa heroína. Por meio das encomendações de alma realizadas na quaresma. D. Antônia reza para que nossos mortos descansem em paz.

Se os heróis são quem ajudam as pessoas, D. Antônia é, sem dúvida, uma grande heroína.

(Igor M. S. Reis, João Pedro V. S. Mata, Juliana L. A. Silva, Lucas A. Sousa, Maria Cecília C. Rocha, Maria Eduarda J. Campos, Pedro H. G. Resende, Rhael Palumbo, Rômulo Messias)



Por que Aparecida é 'do Norte'?

A cidade de Aparecida (SP) acolhe milhões de fiéis de Nossa Senhora Aparecida todos os anos. Vindos de todas as partes do Brasil e do mundo, muitos deles chamam a cidade de 'Aparecida do Norte' e não apenas 'Aparecida', como é seu verdadeiro nome. É comum ainda verificarmos em algumas publicações, referências à cidade com a expressão 'do Norte'.

De acordo relatos do livro "História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos", da escritora Zilda Ribeiro, durante muito tempo o povo nomeou a terra da Padroeira como Aparecida, seu verdadeiro nome. Mais tarde, passaram a chamá-la de 'Capella de Aparecida'. Com a inauguração da estrada de ferro, os devotos passaram a viajar de trem. E embarcavam na Estação Norte, em São Paulo. E diziam que seu destino era Aparecida da Estação Norte.

Com o passar dos anos, por um processo linguístico coletivo chamado braquilogia, eliminaram a palavra 'estação', restando Aparecida do Norte. Ainda hoje, muitos anos depois, passeando pelos corredores do Santuário Nacional e pelas ruas da cidade de Aparecida, ouvimos romeiros chamarem por 'Aparecida do Norte', sendo o verdadeiro nome da cidade Aparecida, sem o Norte.

Um pouco de história - As terras que hoje constituem a cidade de Aparecida já pertenceram, em outro tempo, à Vila de Guaratinguetá, hoje apenas Guaratinguetá, terra do primeiro Santo brasileiro, Frei Galvão. Pela estrada que antes cortava um trecho da Vila, como Aroeira, Ribeirão do Sá, Ponte Alta e Itaguaçu, passavam as caravanas e tropas que iam em busca do ouro e das pedras preciosas nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Com o passar dos anos, os moradores foram se estabelecendo nessas terras. Entre eles estavam João Alves, Domingos Martins Garcia e Felipe Pedroso, os três pescadores que mais tarde ficariam ligados à história da cidade e do país.

(Fonte: <https://www.a12.com/santuاريو/noticias/aparecida-sem-o-norte?> Acessado em 02/09/2019)



CRIAÇÃO DIVINA

Há uma lei harmoniosa que rege todo o universo. Uma lei que se manifesta precipuamente no homem, que traz em si o cosmos miniaturizado e de que todos os seres que despontam no mundo, em seus mais variados habitats, são peças fundamentais. O universo e o homem se correspondem. O que há em baixo, há em cima, segundo Hermes Trimegisto. Um é o arquétipo do outro.

Tudo o que fazemos, qualquer que seja a atividade (movimento físico, o falar, o pensar etc.) grava-se em nossa consciência interior ou corpo etérico, por força da continua expansão do ego. A mente humana é autônoma, indestrutível, inexpugnável, comunicando-se além do tempo e espaço, pelo processo de afinidade. Tudo vem e volta para Deus, porque Deus é Tudo e Todos.

Há uma ordem única e harmoniosa que comanda todo o cosmos. Nós vemos as consequências de uma Causa Homogênea, Onisciente e Onipotente em tudo que existe. Não há vácuos nessa ordem. Todos os seres – animais, vegetais, celulares, minerais, até corpúsculos microscópicos fazem parte de Amplo Organismo - Central Única - diversificada em ramificações inumeráveis, incalculáveis. Assim como percebemos as realidades exteriores, por via dos sentidos físicos, podemos perceber as realidades interiores, as mais profundas, através da percepção de nossa alma.

Acostumado às vivências fragmentárias da existência, insulado nos limites ilusórios de tempo e espaço, o homem se tornou, desde eras longínquas, escravo de prisões ambientais e circunstanciais, geralmente de caráter sociopsicológico, por ele próprio arquitetadas. Os fenômenos tem sido analisados, ainda hoje, apenas por um ângulo racional, incipiente, séculos após a predominância da filosofia racionalista e em que a ciência deixou de ser eticamente neutra, passando a ocupar, ao lado da filosofia, arte e religião, de forma marcante, os quatro pilares básicos do conhecimento humano.

Tudo o que existe está subordinado a um princípio extrafísico ou como afirma Pietro Ubaldi: "Everything, from the chemical to the social phenomena, is life sustained by a spiritual principle" ("The Great Synthesis", LAKE, p. 25) Observamos este princípio ascensivo na teoria evolucionista; na teoria de Bergson sobre a intuição e mesmo nas teses de Freud, Jung sobre o ego, alterego, etc.

O sistema nervoso humano dispõe de infinita capacidade para absorver as radiações psíquicas que estão em profusão no universo. Radiações eletromagnéticas, hartezianas e das cores que existem; não as vemos, não as ouvimos fisicamente, mas são captadas pelo nosso sistema nervoso e glandular. Emitimos cores de acordo com nossos comportamentos, qual fora uma espécie de raio-x da mente e do espírito. Somente com similaridade de códigos e com receptividade mútua é que essas mensagens ambulantes, em universos paralelos aos nossos, são detectadas pelos canais humanos. Segundo Ubaldi, nós vemos inicialmente o fenômeno; depois as sensações (percepções sensoriais) e pela convergência dos sistemas nervoso e cerebral, temos a consciência ou alma. Vejamos as semelhanças das teorias da comunicação e teses linguísticas de Sausurre, Chomsky, Teodorov, Jacobson etc. Pessoas que descubrem ou inventam coisas "por acaso" ou sonhando. Livros recebidos intuitivamente como "Fernão Capelo Gaivota".

Comprovar uma proposição é algo prático. Os fatos são apresentados, dados são computados, o que atende os mínimos requisitos da cibernética. Pode-se não atender aos incrédulos por natureza, aos escravos de uma ciência de aparências que lida apenas com números e exteriorizações, sem maiores preocupações em se alongar a vista, buscar o que há atrás, além do horizonte. É mais cômodo o papel de vender os olhos, de continuar a dominar a consciência alheia.

Porque estamos condicionados a um único ângulo, a uma única visão das realidades que nos cercam – por força de repressões milenares de caráter político, social, religioso, econômico, assim impostas pelos poderes dominantes – tornamo-nos seguidores, salvo raras exceções, dessa uniformidade de pensamento e de vivência. Isso é compreensível, pois ao contestarmos esse status

escravista, seremos marginalizados, postos fora, execrados como inimigos da lei e da ordem. Aí estão latentes os exemplos de Cristo, Gandhi, Luther King e tantos outros. Da mesma forma, o subnormal, o anormal, o supernormal são desacreditados ou relegados a plano inferior, tachados de loucos e geralmente lançados às prisões e manicômios.

O homem tem se tornado um autômato, tiranizado igualmente pelos meios de comunicação de massa, à mercê da publicidade, dos grandes grupos econômicos, oligarquias, tornando-se um alienado, um angustiado, em círculos intoleráveis de despersonalização.

IMAGEM DE STOCKSNAP POR PIXABAY/DIVULGAÇÃO



A SINDROME DO 'COITADINHO'

Eis uma das graves mazelas de nossa cultura – o de considerar sistemática e generalizadamente pessoas ou segmentos sociais como vítimas das circunstâncias, como “coitadinhos”, alguns praticamente como párias ou inválidos, cidadãos de ínfima categoria a quem cabe o Estado tutelar. O contribuinte brasileiro passa, há séculos, o recibo de bobo, sempre tungado. Leis e mais leis, projetos e mais projetos, programas, campanhas, tribunais, juizados especiais, sindicatos, noticiários da mídia cuidam diuturnamente do tema. Atrás de iniciativas, por mais justas, de apoio aos setores mais fragilizados, eis – no entanto e como de sempre - os espertalhões, os aproveitadores, os bocas-livres, os chicaneiros, os privilegiados, os que, mesmo de terno e gravata ou aboletados em altos títulos, vivem da impotência, da improdutividade, do comodismo ou inoperância alheias.

Muitos dos “coitadinhos” são igual e realmente pessoas acomodadas, que não encaram a vida de frente, não tem ou não querem manter a cabeça erguida, não exercendo sua maturidade, autoconhecimento, autoconfiança. Não crescidos devidamente, não senhores de sua personalidade e autenticidade, transferindo responsabilidades e culpas para o outro, fenômeno largamente assimilado pelo Estado “pai”, em especial no âmbito da farta e obesa legislação paternalista. São pessoas, em sua maioria, massa de manobras para políticos de segunda categoria, sindicalistas pelegos.

Nossa Constituição Federal é demasiadamente ampla em fixar “direitos” e garantias fundamentais em todos os setores: humanos, trabalhistas, saúde, educação, vida, moradia etc. A farra das palavras e quase nada na prática, porquanto o cidadão continua espoliado por altíssimos impostos e quase nenhuma contrapartida de serviços pelo Poder Público. Daí a política do assistencialismo, da “mão na cabeça”, da politicagem mediante a criação e manutenção de paquidérmicas instituições estatais, que operam no sentido de se justificar sua faraônica existência. Havia, em tempos idos – que

seja enfatizado - os chamados “conselheiros” ou ainda os juizes de paz, cidadãos comuns, que resolviam sabia e harmoniosamente os problemas da coletividade e que resolviam satisfatoriamente a maioria dos problemas surgidos. Hoje tribunais e mais tribunais, sedes faraônicas, ritualismos medúscos...

Eis a indústria de reclamações, a parafernália dos “direitos” que congestionam o judiciário, órgãos de defesa, delegacias, programas televisivos. E muitos dos que lá recorrem – sem dúvida um direito social – são oportunistas, querendo vantagens ainda que indevidas ou em frações de migalhas. A doença ou o vício do “vitimismo” – séquito de pessoas sempre lamuriasas, se dizendo injustiçadas, exploradas, humilhadas e mormente se forem ações trabalhistas, às quais se juntam um batalhão de advogados, acusadores. Qualquer um aí, um senão, são motivos de ações (p. ex. consumidores). Quem está, pois, habituado ao mundo judicial, espanta-se com as bizarrices e absurdos inseridos nas petições apresentadas, em que a parte reclamada – geralmente empresas que recolhem pesados impostos e custeiam a questionável máquina pública do País - são pintadas, por vezes, da forma mais desrespeitosa, assinaladas como criminosas, exploradoras do suor alheio, mantenedoras de mão de obra escrava e por ai afora. Via de regra, mentiras deslavadas, calúnias vexatórias para com a parte contrária.

Nos tratamos e nos deixamos tratar como rebanho. Há uma legislação sempre intimidatória, criminalizadora, segregacionista, intervencionista. Tudo é criminalizado no País: relações trabalhistas, comerciais, de consumo, financeiras. Por qualquer “dê cá uma palha” eis tribunais encharcados de ações e petições, o que consome rios de dinheiro do contribuinte, em processos que costumam levar séculos para solução. O particularismo mais atrapalha do que auxilia. O protecionismo exacerbado, legalista, acaba por criar um universo de incapacitados, de dependentes, de tutelados em que o Estado exerce coercitivamente o papel do cidadão, burocratizando as relações sociais e blindando os “coitadinhos” e “espertinhos”. Exalta-se juridicamente a fragilidade em vez de se dotar – forçar – o cidadão a enfrentar o mundo, fortalecê-lo como indivíduo através dos amplos recursos da educação, do conhecimento, da vivência social, da dignidade e integridade pessoal.

EXPRESSÃO “ESTAR EM MAUS LENÇÓIS”

Significa que alguma coisa ruim está para ocorrer com uma pessoa ou algo ruim ou inesperado já aconteceu; situação de dificuldade vivida por uma pessoa em consequência de fatos ou ações que tenha praticado; estar em apuros, em grandes embaraços. Expressões semelhantes: “A casa caiu”, “A vaca foi pro brejo”, (estar ou achar-se) em “palpos de aranha”.

Origem da Expressão – A origem da expressão é relacionada com um fato histórico cruel. Com o objetivo de dizimar tribos de índios norte-americanos - hostis aos ingleses e aliadas dos franceses na guerra pela conquista da “Terra Nova”, no atual Canadá – o comandante das tropas inglesas nos EUA, Sir Jeffrey Amherst, determinou que lençóis e cobertores provenientes de um hospital em Fort Pitt, onde ocorrera uma devastadora epidemia de varíola, fossem distribuídos aos índios. Exemplo da mais horripilante desumanidade como é conhecida a “guerra bacteriológica”.

A ILUSÃO DO TEMPO TRÊS HISTÓRIAS INCONFUNDÍVEIS

“A distinção entre passado, presente e futuro é só uma ilusão persistente” (Albert Einstein)

Há relatos, sejam eles científicos, literários ou orais, que nos surpreendem sobre o conceito do tempo. Eis três textos, a seguir, provindos de culturas e épocas distintas, onde, em fração de segundos ou minutos, efetuam-se tantas e atordoantes experiências! Engrenagens e ciências divinas superando qualquer compreensão humana convencional a partir do imenso, intrigante carrossel que é a vida.

“Tudo o que faz debaixo do sol é vaidade; é o vento que passa, volta e gira nos mesmos circuitos”.

(Ecl 1, 6 e 14)

“O tempo é uma ilusão produzida pelos nossos estados de consciência à medida que caminhamos através da duração eterna”

(Isaac Newton)

O SONHO DE NAM KHA

Era a terceira vez que Lu Sinh fracassava no concurso trienal. O infortúnio não parava de persegui-lo, enquanto outros estudantes, menos dotados e menos preparados, tinham mais sorte. Triste, Lu Sinh deixa a capital para voltar à sua cidadezinha, a pé, com leve mochila na ponta de uma vara de bambu. Percorrendo a região de Nam Kha, é surpreendido por um aguaceiro, quando passava por uma montanha. Sobe até uma gruta em busca de refúgio. Tratava-se da casa de um velho monge taoista.

O eremita fá-lo sentar-se no único móvel da gruta, uma cama de pedra lisa. Continuando a acompanhar o cozimento de um caldeirão de papa de milho, o monge pergunta com amabilidade para onde Lu Sinh ia. Este lhe confia seus problemas, sua intenção de recomeçar, suas esperanças e ambições juvenis. O eremita ouve em silêncio e o convida a deitar-se na cama, antes de prosseguir viagem.

Três anos depois, Lu Sinh é nomeado primeiro médico do Império. Ele conseguiu a glória da noite para o dia. Participa da série de ritos inesquecíveis: proclamação do seu nome pelo arauto real, com seu porta-voz de couro brilhando diante da multidão reunida. Investidura solene do manto da Corte por um grande mandarim. Procissão de um cavalo branco pelas ruas da capital, terminando na cidade, onde, por vários dias, festas e comemorações se desenvolvem sem interrupção.

Seguem-se o exercício de altas funções públicas, o casamento com uma princesa, a mais bela e refinada filha do imperador. Depois, em breves anos, o nascimento de belos filhos, a elevação ao grau de primeiro ministro, mantendo-se, no auge da riqueza e das

honras, por cerca de quinze anos.

Segue-se uma invasão de bárbaros. As primeiras batalhas são desastrosas para o imperador. Convocado para o comando supremo, Lu Sinh consegue expulsar os bárbaros, invade o país destes e mata o rei. Mas os encantos selvagens da rainha o cativam e o mantêm junto a ela. Dominado por uma paixão irresistível, ele esquece por completo o lar, a mulher, os filhos, os deveres para com o seu rei e o seu país.

Em vão, o imperador o adverte. Este termina por enviar uma expedição contra Lu Sinh; este resiste, se insurge, mas seus próprios tenentes o traem e o entregam. Malgrado as lágrimas da mulher e dos filhos, ele é condenado à morte pelo imperador. Na noite anterior ao suplício, Lu Sinh rememora toda a sua vida: a infância pobre, os esforços como estudante, a estonteante ascensão, a felicidade gloriosa, depois a paixão avassaladora, o afastamento de seus deveres e a fulminante queda...

Lu Sinh abre os olhos. Encontra-se na gruta, deitado na cama lisa. Perto dele, acororado, o ancião mexe lentamente seu mingau de milho. Só o pequeno ruído da colher no fundo do caldeirão, que mal se eleva acima do crepitar do fogo, perturba o silêncio da montanha. A chuva passara.

- Jovem – diz o eremita – tiveste um longo sonho, mas a papa de milho ainda não está cozida. Concede-me mais um instante e me darás o prazer de compartilhar o meu modesto repasto.

(Pham Duy Keim)

IMAGEM DE GERD ALTMANN POR PIXABAY/DIVULGAÇÃO



UMA HISTÓRIA SOBRE MAYA

Num dos contos mais populares da mitologia indiana, o sábio Narada tocou e cantou para o Deus Vishnu e tanto o agradou e o enterneceu que Vishnu disse:

- Pede-me agora o que quiseres

Narada respondeu:

- Quero conhecer o segredo de Maya

Maya é a palavra que designa o véu que encobre a verdadeira realidade do mundo. É a ilusão, a sua existência fenomênica e suas percepções, possibilitadas pelo Poder Cósmico. De acordo com a filosofia hindu, somente aquilo que é imutável e eterno, merece o nome de Real ou Realidade; tudo o que está sujeito a mudanças e que, portanto, tem princípio e fim, é considerado Maya.

Vishnu, extremamente surpreendido, respondeu:

- O que me pediste é muito difícil de compreender. Pede, pois, outra coisa.

Mas Narada tanto insistiu que Vishnu, por fim, aquiesceu ao seu

pedido.

- Vai ao povoado próximo e busca-me água para beber e, então, te revelarei o segredo de Maya.

Narada, de pronto, dirigiu-se ao povoado e parou em frente à casa do prefeito, no intuito de conseguir água para Vishnu. Quem o atendeu, à porta, foi uma jovem belíssima, filha do prefeito, deixando-o extasiado, por algum tempo, ao contemplar tamanha formosura. Narada se esqueceu de si mesmo. Lembrou-se, então, de pedir água. Enquanto a moça saía para busca-la, o prefeito apareceu, cumprimentou Narada, convidou-o a entrar e a tomar um refresco.

Como eram ambos interessados por assuntos espirituais, começaram a conversar e logo caiu a tarde. O prefeito convidou Narada para passar a noite ali, afirmando-lhe que seria muito difícil e perigoso encontrar o caminho de volta, no escuro e sujeito a animais ferozes e a ladrões. Narada aceitou.

Na manhã seguinte, o prefeito requisitou os conselhos de Narada sobre certos assuntos administrativos e levou-o a conhecer a aldeia. Aos poucos, Narada se esqueceu do motivo que o levava originalmente para lá. Depois de algum tempo, casou-se com a filha do prefeito, teve dois filhos encantadores e assumiu, enfim, a administração do povoado. Anos, assim, se passaram.

Num certo verão, as monções chegaram especialmente fortes e o rio inundou toda a aldeia. Ao procurar escapar com a família, Narada perdeu tudo e acabou, ele mesmo, arrastado pelas águas enfurecidas. Bateu com a cabeça num galho de árvore e perdeu a consciência.

Ao acordar, viu-se, de novo, ao pé da árvore, onde havia se separado de Vishnu, que, carinhosamente, o amparava e lhe dizia:

- Ó Narada, onde está a minha água?! Estou esperando há meia hora...

MIL ANOS PARA DEUS

Frei Urbano, ao salmodiar com os monges o Ofício Divino, impressionou-se com este versículo “Mil anos diante de vós, ó Deus, são como o dia de ontem que já passou ou como a vigília da noite”. Terminado o ofício, saiu para o jardim do mosteiro parafusando este pensamento: Como é possível que mil anos sejam como um dia para Deus? Perdido na meditação desta passagem do Salmo, pôs-se a ouvir o canto de um passarinho que saltava de galho em galho. Enlevado pelo seu chilrear, foi seguindo a avezinha que se afastava sempre mais.

De repente, caiu em si e procurou voltar para o mosteiro. Mas encontrou a porta fechada. A porta, aliás, era outra. Outros eram os arvoredos que cercavam o mosteiro. Mais surpreso ficou quando, ao tocar a sineta, veio atender-lo um monge que não conhecia. Precisou identificar-se, pois seu nome não constava na lista dos atuais moradores. Ele retrucava:

- Eu morei sempre aqui. Ainda há poucos instantes eu estava cantando as Matinas...Sou o Irmão Urbano.

O porteiro teve a ideia de consultar as crônicas antigas do mosteiro e encontrou esta passagem: “Nosso Irmão Urbano saiu hoje para o jardim do mosteiro e não voltou mais. Desapareceu sem deixar vestígios...”

EXPRESSÃO SOLTAR OS CACHORROS

ALGUMAS EXPRESSÕES E DITOS COM O TEMA CÃO/CACHORRO

A expressão “soltar os cachorros”, muito comum na oralidade popular, significa “se descontrolar”, “perder a paciência”, “se manifestar com estridência e agressividade”, “brigar de forma raivosa e intempestiva”. Ou seja, uma expressão com contexto ou natureza negativa.

Segundo pesquisadores, a figura do diabo foi representada por diversos animais, ao longo da história, nas mais diversas civilizações. Assim, o cachorro, inclusive na Igreja Cristã, foi vítima da “demonização”, transformando crenças de outras religiões e povos em negativas. Acredita-se que o cachorro seria uma referência a Cérbero, que na mitologia grega, era o cão com múltiplas cabeças que guardava a entrada do inferno.

Nesse mesmo nível, está a expressão “prá baixo dos cachorros” (ex. na frase “seu nome aí na rua está prá baixo dos cachorros”), ou seja depreciado, desmoralizado, na boca de todo mundo.

Já a expressão “soltar os bichos” tem o sentido conclamativo de “vamos nos animar”, “vamos gastar energia”. Aparece numa cena do “Menino Maluquinho”, de Ziraldo, quando o traquinas, no interior de um zoológico, para o terror dos zeladores e guardas, grita: “Vamos soltar os bichos”, quando, na verdade, ele apenas quis dizer “vamos nos divertir”, “vamos brincar”.

No linguajar popular, encontramos sempre ditos e expressões envolvendo a imagem do cachorro (cão). Exemplos: Briga de cachorro grande, matando cachorro a grito, brigar como cão e gato, estar com a cachorra, levar uma vida de cão etc.

O CACHORRO NO HORÓSCOPO CHINÊS

Segundo a tradição, Buda teria, em determinada época, convidado todos os animais do reino para um encontro, mas somente 12 teriam comparecido. Como reconhecimento, Buda, o Iluminado, teria atribuído o nome de cada um deles aos anos e determinado que as pessoas nascidas naquele período (ano) herdariam traços das personalidades desses animais.

No horóscopo chinês, 2018 é o ano do cachorro. Na astrologia chinesa, o signo do cachorro é um pouco imprevisível, diferente do conceito de lealdade e fidelidade convencionados no ocidente. Assim, pessoas nascidas sob esse signo, são honestas, apegadas às suas tradições e valores, teimosas, detestando mentiras, tendo dificuldades em ceder e ainda em confiar nos outros. São ainda ativas, dogmáticas, exigentes, dando importância às coisas, temperamentais, mudando de humor. Necessitam controlar suas preocupações irracionais.

O cachorro, segundo a tradição chinesa, é um animal que traz sorte. 2018, um ano bom, porém exaustivo, com frustrações, estresses, aborrecimentos. A iniciativa favorecida. Um bom período para realizações, exigindo, todavia, cautela, lealdade, constância no trabalho e nos estudos. Um ano de firmeza, credibilidade, coragem, rigor, determinação.

O CÃO NA BIBLIA – Os cães não eram bem vistos nas cidades bíblicas, tidos como impuros entre a maioria dos israelitas. Eram, porém, apreciados no Egito e na Mesopotâmia. “Ficarão de fora (do céu) os cães e os feiticeiros e os que se prostituem e os homicidas e os idólatras e qualquer um que ama e comete a mentira” (Ap 22,15) “Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão” (Fl 3,2) Em Jó 30:1 e Isaías 56:10, há alusão aos cães que guardavam os rebanhos, protegendo-os dos ataques de animais ferozes. Uma perspectiva, pois, de que alguns israelitas criassem cães com propósitos especiais como esse (guarda).

No próprio Evangelho, o termo Cão aparece como nas palavras de Cristo “não deis aos cães o que é santo nem lanceis pérolas aos porcos” (Mt 7,6) A palavra cão, na acepção bíblica, nada significa de injurioso, pois à época de Jesus, no Oriente, tem o sentido de “estranho”, “profano”, “alguém não pertencente àquela tribo ou clã”. Segundo teólogos, a palavra cão é de uso figurado, dirigido a pessoas cruéis, gananciosas, vís. Talvez uma referência ao grande número de cães semisselvagens que, na antiguidade, vagavam pelas cidades e vilarejos, assolando-os.

O Evangelho nos diz que mesmo as pessoas consideradas impuras, não judias, (como os gentios, estrangeiros) podem participar plenamente dos benefícios da salvação. Há uma extraordinária, por vezes enigmática, passagem bíblica a esse respeito. A mulher sírio-fenícia, uma estrangeira, que, desesperada suplica ao Mestre a cura de sua filha endemoniada. Jesus, ante a insistência, diz-lhe “Não é bom tomar o pão dos filhos para lança-lo aos cachorrinhos”. Ela, de forma engenhosa, com toda força e fé impulsora do coração, responde-lhe: “Os cachorrinhos, porém, comem das migalhas que caem da mesa de seus donos” Jesus, então, afirma-lhe: “Mulher, grande é a tua fé. Seja conforme teus desejos” (Mt 15, 21-28 / Mc 7, 24-30)

- Cadela morta, gaita à porta
- A cão fraco acodem as moscas
- Onde há cães, há pulgas (Quem dorme com cachorro acorda com pulgas)
- O cão no osso, a cadela no lombo
- O cão de perdiz tem faro
- Nem cão negro, nem moço galego
- Não ladra o cão sem ter razão
- Cão que morde, não ladra
- Quem não tem cão, caça com gato
- Os cães ladram e a caravana passa
- Cão que muito ladra não morde
- Cão danado, todos a ele
- Quando um homem obtém poder, até suas galinhas e cachorros sobem aos céus (provérbio chinês)
- Quem se mistura com cachorros, dorme na cinza
- Cachorro bom de tatu morre de cobra
- Cachorro bom nunca late em vão
- Cachorro cotó não salta (não pula) pinguela (Cachorro nambi não passa pinguela)
- Cachorro de caça sai à raça
- Cachorro de cozinha e moça que anda sozinha não fazem fiança para ninguém
- Cachorro de cozinha não quer colega
- Cachorro de dois donos morre de fome
- Cachorro que muito anda cria rabugem para si ou para o dono
- Cachorro que muito anda encontra bordão (cacete)
- Cachorro que come ovelha só morto se endireita
- Cachorro que engole osso nalguma coisa se fia: ou na volta do pescoço ou nalguma travessia
- Ninguém atira pedras em cachorro morto
- Chutar cachorro morto é fácil
- Depois da onça morta, até o cachorro mija no couro
- Cachorro que muito late é mau companheiro (Cão ladrador, mau mordedor)
- Cachorro velho não aprende novos truques
- O cão não ladra por valentia e sim por medo (provérbio chinês)
- Alimenta teu cão e ele guardará tua casa; faze jejuar teu gato e ele te comerá os ratos (provérbio árabe)
- Cão quando come não quer companhia
- Cão que arrebita o rabo não é por ti, mas pelo bocado
- Cão não rejeita osso
- Cão que lobo mata, lobos o matam
- Cão que muito lambe chupa o sangue
- Cão que não ladra, guarda-te dele
- Cachorro velho, quando late, dá aviso (dá conselho)
- Cachorro velho não se acostuma com coleira
- Cão com raiva o seu dono morde (Cão raivoso o seu dono trava)
- Cão de boa raça, se não caça hoje, amanhã caça
- Cão de moleiro nem come nem deixa comer (Cão de palheiro não come nem deixa comer)
- Cão de outro bairro não me venha ladrar neste
- Qual o cão, tal o dono
- Cão velho, quando ladra, é porque tem razão
- Quando fores ver o lobo, leva o cão contigo
- Quando o dono é glutão, passam fome o criado e o cão
- O latido do cão não muda o curso das nuvens (provérbio árabe)



O CÃO NA LITERATURA E CINEMA

“O fato de o cão ser fiel ao homem não quer dizer que ele aprove as ações do dono” (Carlos Drummond de Andrade – In “Histórias brasileiras de cães”)

Os cães sempre tiveram destacado papel na literatura, retratados em diversas obras, algumas clássicas, tornando-se muitos deles personagens inesquecíveis. Vejamos alguns exemplos:

- Argos, o corajoso cão de Ulisses no poema épico “Odisséia”, um dos primeiros cães mencionados na literatura ocidental. Após 20 anos à espera do dono – que fora lutar na guerra de Troia – Argos, já doente, reconhece Odisseu (Ulisses) que retornara a Itaca disfarçado em mendigo, movendo a cauda. Após o encontro, Argos morreu em paz como um verdadeiro símbolo de fidelidade, lealdade e dedicação incondicional

- Em o “Chamado da Selva” (ou “Chamado Selvagem”) de Jack London, um dos principais personagens é o cão Buck, que raptado por um empregado de seu dono, é levado para as neves na época da famosa corrida do ouro nos Estados Unidos, passando por inolvidáveis aventuras no Alasca como cão de trenó. O personagem Buck inspirou Jack London a escrever outro romance “Caninos Brancos”, onde o autor explora, dentre outras ideias, que a violência dos animais não é tão distante do mundo violento e agressivo dos seres humanos

- Totó é o grande e fiel companheiro da menina Dorothy em “O Mágico de Oz”, famoso livro infantil de autoria do escritor norte-americano L. Frank Baum e que adaptado para o cinema se tornaria um filme célebre (1939), estrelado pela atriz July Garland

- Na famosa série de TV escrita por Eric Knight, a cadela Lassie, uma famosa cadela Collie, realiza feitos e aventuras magistrais. Ela é ainda personagem do livro “Lassie volta para casa”, de Norton Juster (1940)

- Charles Dickens em seu célebre romance “David Copperfield”, publicado em 1850, inclui o pequeno e nervoso cão Jip, que quer ser sempre o centro das atenções. Jip pertencia a Dora Spenlow, a primeira esposa de Dickens.

- Garm, um cão falante criado por J.R.R. Tolkien em uma de suas histórias curtas “Farmers Giles of Ham”

- No romance de Olaf Stapledon (1944), o cão Sirius é fruto de uma experiência científica do cientista Thomas Trelone, que acaba por criar um cão inteligente como os humanos

- Na série “Harry Potter”, de J.K. Rowling, Fang, um dogue alemão pertencente ao personagem gigante Rubeus Hagrid, acompanha seu dono por muitos lugares como a Floresta Proibida e ainda nas batalhas da Torre da Astronomia e de Hogwarts.

Outro cão da série, Fofo, cedido gentilmente a Dumbledon para proteger a pedra filosofal.

- O cão Savage Sam em “Old Yeller”, um clássico da literatura infantil, autoria de Fred Gipson. Emocionante, dolorosa a cena em que o personagem Travis é forçado a matar Savage Sam, depois deste ter sido infectado com o vírus da raiva, ao lutar com um lobo.

- Olho de boi, no romance “Oliver Twist”, um cão da raça Bull Terrier inglês, bicho de estimação do antagonista Bill Sikes, é sempre fiel ao seu amo malvado e portanto um dos maiores inimigos do protagonista.

- Flush, na novela de Virginia Wolf, um encantador Cocker Spaniel, é personagem de uma biografia imaginária da famosa e lendária romancista Elizabeth Barret-Browning

- Napoleão, um dos maiores sanguinários da história, para quem a morte de um milhão de homens nada valia ou significava para ele, conta em “Memorial de Santa Helena” que num campo de batalha na Itália, com milhares de cadáveres ainda não retirados, comoveu-se com um cão ao lado do corpo de seu dono, gemendo e lambendo-lhe o rosto. “Eu havia sem emoção ordenado batalhas que deveriam decidir o futuro do exército, havia visto com o olho seco serem executados movimentos que levaram à perda de muitos entre nós e aqui eu ficara emocionado, ficara perturbado pelos gritos e pela dor de um cão!...”

- Em José Saramago, os cães aparecem frequentemente como personagens. É o caso do cão que lambia as lágrimas em “Ensaio sobre a cegueira” ou nas aparições do vira-lata em “História do Cerco de Lisboa” que passa fome e privações “com a teima de viver nas escadinhas de São Crispim, desprezando a abundância de Lisboa...”

- Kachtanka, a cadelinha retratada pelo romancista russo Anton Tchecov

- Huan, outro personagem de J.R.R. Tolkien em “O Silmarilion” – é um cão de caça extremamente forte e temido, treinado por Orome, que ajuda os personagens Beren e Luthien a capturarem a silaril da coroa de Morgoth

- O famoso cão pastor alemão Ritintin, que, nos anos 1920/1930 estreou vários filmes e séries radiofônicas. Com a sua morte em 1932, outros cães com o mesmo nome continuaram a atuar em várias produções de Hollywood.

Ritintin era um cão de origem francesa, adotado por soldados americanos durante a I Guerra Mundial, trazido para os Estados Unidos após a guerra e que, após treinado, transformou-se em célebre cão de shows cinematográficos.

CÃES FAMOSOS NA LITERATURA BRASILEIRA

Os cães aparecem igualmente como personagens marcantes nas obras ou textos de vários escritores brasileiros. A raquítica cadela Baleia, que aparece na obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, em que fantasia um mundo cheio de gordas preás... Biruta, de Lygia Fagundes Telles; Zig, um cachorro enorme, de propriedade da mãe do escritor Rubem Braga, que detestava o carteiro e apreciava frequentar a igreja (In “Lembranças de Zig”) Outro cão que aparece nas crônicas de Rubem Braga é Bruno Lichtenstein; Firififi, de Dalton Trevisan; Japir, de José de Alencar; Veludo, de Luiz Guimarães, que ao lado de Plutão, de Olavo Bilac, cujos longos poemas eram por nós recitados nas salas e auditórios em tempos de infância; Uno (Waldyr Carrasco); Tusca (Marina Colasanti); Tentação (Clarice Lispector); Samba (Maria José Dupret); Quincas Borba (Machado de Assis); Madrugada (Origenes Lessa); Pingo de Ouro (Guimarães Rosa); Mila (Carlos Heitor Cony); Perigo (Domingos Pellegrini)

ASTRONOMIA – O cão aparece igualmente na astronomia. A Constelação do Cão Maior, uma das mais impressionantes da esfera celeste, tem na estrela Sirius uma de suas maiores protagonistas, dado o seu enorme brilho. A Constelação do Cão Maior e sua vizinha Constelação do Cão Menor aparecem em lendas da antiguidade. Segundo a mitologia grega, Cão Maior era um animal que corria a velocidades espantosas. Laelaps, como era chamado, após vencer uma corrida com uma raposa que se dizia a mais rápida do mundo, foi colocado por Zeus no céu, para comemorar a sua vitória.

Outras versões mitológicas apresentam os dois cães (Cão Maior e Cão Menor) como ajudantes do caçador Oriente em seu esporte favorito, a caça. No mapa celestrial, com o olhar dirigido à estrela Lepus (Lebre) e agachado debaixo de Oriente, Cão Maior parece disposto a saltar, a agarrar sua presa.

Outra lenda diz que Cão Menor era um dos podengos de Acteon. Acteon surpreendeu, um dia, Artemisia, deusa da caça e dos bosques, se banhando com suas companheiras. Detendo-se, por instantes, para observá-la, acabou sendo visto por ela. Furiosa, por ter sido vista nua por um mortal, Artemisia transformou-o em um veado, lançando sobre ele (Acteon) a sua matilha, o qual acabou devorado.

Os egípcios antigos, bem como outros povos, tinham grande respeito e reverência por Sirius, chamada Sothis e associada à deusa Isis, pois ao nascer – antes do amanhecer nos finais de verão, acontecimento conhecido como saída heliaca – anunciava a inundação anual do vale do Nilo, quando as águas fertilizavam os campos com os seus sedimentos. Era um acontecimento tão importante que marcava o início do ano no calendário dos antigos egípcios e de povos do norte da África.

Estrela Sirius - Sirius é uma estrela 20 vezes mais brilhante que o sol e duas vezes mais massiva. Acha-se somente a 8,7 anos luz da Terra. Ainda hoje exerce inextinguível influência sobre estudiosos e esotéricos, a quem atribuem milenares elos com a humanidade terrestre, sendo uma tutora de nossa civilização. Daí ser conhecida como “o sol por trás do sol”, “a casa da humanidade”, “a estrela mãe”, havendo extensos estudos e intrigantes obras a este respeito. Diz-se que as pirâmides do Egito, em especial a de Gizé, foram construídas em perfeito alinhamento com a estrelas, dentre elas - e principalmente - Sirius. Várias tribos indígenas da América como os seris, tohonos, cherokees descreviam-na como um cão guardião ou “cão que seguia as ovelhas na montanha”. Outros povos, como os dogons, no atual Mali, igualmente a reverenciavam e dela detinham vários e surpreendentes conhecimentos, inclusive astronômicos.

Em “Pinóquio”, baseado na história de Carlo Collodi, a estrela ou fada azul, que, no desenho de Disney, desce do céu para dar vida a Pinóquio, é uma referência à estrela Sirius, representada como fonte de vida e guia de luz. Em Harry Potter, o personagem Sirius Black é seu padrinho (de Harry Potter), o que lhe dá, uma vez mais, a condição de guia e mestre. Referida desde os mais remotos tempos por babilônios, gregos, romanos, cristãos medievais. São Gregório de Tours (538-594) refere-se a Sirius, em uma de suas crônicas, como “estrela de cor avermelhada”.



TRAPEZISTA

Segundo consta na tradição oral, Pe. José Duque era grande conhecedor e amante da boa música, sacra ou profana. Gostava de tocar bandolim e fazia parte de uma grande e importante orquestra de São Tiago, no início do século XX.

Naquele tempo ainda não existia serviço de som, alto-falante ou sonorização em comunidades pequenas como o distrito de São Tiago. Quando vinham circos, os palhaços faziam propaganda andando nas ruas e praças acompanhados por bandos de meninos, cantando versos ritmados e convidando a população para o grandioso espetáculo.

A noite, o circo enchia de espectadores, pois todos gostavam imensamente dessa diversão. A orquestra era então convidada para abrilhantar o espetáculo. Pe. José Duque fazia questão de comparecer com seu bandolim tocando as músicas de sua preferência, rindo das piadas do palhaço e sofrendo apreensivo com as apresentações mais perigosas.

Certo dia chegou a São Tiago um circo muito famoso. Conhecido em toda região. Crianças, jovens, adultos e famílias contavam os minutos para o início do espetáculo.

Palhaço na rua. Orquestra convidada. Instrumentos afinados. Cantores e artistas prontos e muito bem preparados. Pe. José Duque, discretamente, também estava curioso para participar da apresentação.

Chegou enfim a hora. Lâmpioes acesos. Arquibancadas cheias. Músicos a postos. Picadeiro preparado. O palhaço entra e anuncia os números que serão apresentados. É surdamente aplaudido. A orquestra toca, maravilhosamente, uma música alegre. Palmas intermináveis.

O palhaço volta e anuncia a apresentação da trapezista: ponto alto do espetáculo, maior e melhor artista da trupe. Entra uma adolescente, quase criança. Linda. Artisticamente vestida. Seu rosto, quase uma sombra, brilha à luz trêmula dos lâmpioes de querosene. Sobe com toda segurança no trapézio preso no alto da lona do picadeiro. O palhaço balança com força a corda que a prende e solta. A menina faz sua apresentação com graça e desenvoltura. É aplaudida com entusiasmo pela plateia.

Ela olha o povo e diz:

- Quero homenagear o padre que está aqui dando-nos o prazer e a alegria de sua presença.

E improvisa uns versos cantando:

O Padre José Duque

Por ser um bom rezador de Missa,

O defunto sendo rico

Ele pega no bico da chaleira da patroa.

O Padre diz com "seus botões":

- Já estive melhor do que está!

Pega seu bandolim, chama as irmãs e sai em silêncio.

Alguns dias depois, um viajante passa pela casa do padre e dá a triste notícia:

- Aquela trapezista caiu durante uma apresentação em Santa Rita e morreu na hora...

E Pe. José:

- Pobre menina! Que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Dizem que nunca mais Pe. José foi visto em espetáculo circense.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Abril / 2018.

A FORNADA DE BISCOITOS

Era um dia comum como qualquer outro. Pe. José Duque almoçou normalmente contando seus causos à irmã Erundina. Conforme todos os dias, pegou seu breviário e foi para a privada seca, na horta.

Erundina continuou seus afazeres domésticos.

O tempo ia passando lentamente e o padre não voltava para dentro de casa. Depois de quase duas horas, Erundina se preocupou. Chegou perto da privada e chamou:

- Padim Zeca... Padim Zeca...

Nada. Silêncio total. Desesperou-se. Chamou os vizinhos. Pediu socorro.

Alguém mais corajoso forçou a porta da privada arrancando a taramela. Pe. José Duque estava morto abraçado ao seu livro de orações.

Comoção total. A casa do padre encheu-se de amigos rapidamente. A cidade de São Tiago parou. Sinos tocavam tristemente de hora em hora. O alto-falante tocava marcha fúnebre repetindo a triste notícia.

Ao escurecer, por volta das seis horas da tarde, D. Nanhá Gabé e algumas amigas procuraram D. Erundina e propuseram:

- Vamos acender o fogo no forno de lenha e assar biscoitos para a noite. São muitos os amigos que irão pernoitar aqui.

D. Erundina, ainda desfeita pelo choque da morte tão repentina do irmão, lembra-se:

- Ah, meu Deus! Eu estava assando biscoito!

As amigas foram, então, ver o que poderia ser feito com os biscoitos que estavam a tarde inteira no forno.

Surpresa... Mistério... Forno cheiinho de biscoitos de polvilho no ponto, assados, na hora de serem retirados e servidos, com café, aos amigos. Ao observarem o suspiro do forno, mais surpresa: as brasas estavam acesas, fumegantes.

Sem entender, fizeram uma oração de agradecimento a Deus e prepararam mais receitas para que fossem feitos outros biscoitos para o triste velório.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Abril / 2018.

Pe JOSÉ DUQUE E A APARIÇÃO DE ESPÍRITOS

Pe. José Duque passou à posteridade como devotado pastor, homem altamente espiritualizado, leitor de obras sobre metapsíquica e profundo conhecedor dos fenômenos paranormais e metafísicos. Exímio exorcista, detinha ele, para tanto, técnica, sensibilidade, autoridade, austeridade, pleno domínio sobre manifestações extradimensionais, inclusive de telecinésia, tiptologia etc. Algo que lhe era plenamente familiar, existindo dezenas de relatos orais acerca.

Após o término dos ofícios religiosos daquela noite, Pe. José e o sr. João Coelho da Silveira, ali presente, saem do templo, encontrando-se à saída da sacristia. Pe. José convida o paroquiano, tocando-lhe o braço:

- Vamos até a farmácia, João?! Lá podemos jogar um truco, bater um papo com os proprietários e fregueses...

Noite escura, a cidade precariamente iluminada, mês de agosto. Enquanto caminhavam, João Coelho comenta:

- Fala-se muito nessa época em assombrações, aparecimento de espíritos e eu não acredito nessas coisas... O que o sr. acha, Pe. José?!

Entre sério e espirituoso, Pe. José responde:

- Ah, espere eu morrer para você ver, João!... Vou aparecer de todo tamanho, um presente especial para você que é incrédulo...

- Não, Pe. José, por favor. O sr. pode presentear outro mais corajoso com a sua majestosa aparição.

E riam-se a bandeiras despregadas, enquanto chegavam à porta da movimentada e tradicional farmácia do Dr. Henrique Pereira, situada quase em frente à sacristia.

SEUS
CAUSOS
PITORESCOS

